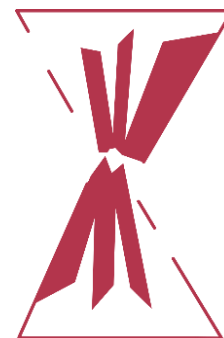



Homenagem



Marc Ferro (1924-2021), um grande historiador do século XX

GONÇALVES, Paulo Cesar*

 <http://orcid.org/0000-0003-3122-0690>

Em 21 de abril de 2021, faleceu em sua casa na cidade de Saint-Germain-en-Laye (Yvelines), aos 96 anos, o historiador francês Marc Ferro. Intelectual brilhante, autor de vasta, diversificada e importante obra sobre temas da História Contemporânea, mais especificamente do século XX, deixa legado valioso e inquestionável ao ofício de historiador dentro e fora das fronteiras da academia.

Sua história de vida foi marcada na juventude pela Segunda Guerra Mundial e pelo Holocausto, quando se viu obrigado a interromper seus estudos. Nascido em 24 de dezembro de 1924, filho de judeus, perdeu o pai, Jacques Ferro, com apenas cinco anos de idade. Anos depois, durante a ocupação da França, sua mãe, Nelly Firdmann, foi deportada e assassinada pelos nazistas em Auschwitz. Ameaçado pela política antissemita do governo colaboracionista de Vichy, Marc Ferro engajou-se na resistência

*Doutor em História Econômica pela USP, São Paulo-SP. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Assis. Av. Dom Antônio, 2100 – Parque Universitário. CEP: 19810-900. Assis-SP. E-mail: pc.goncalves@unesp.br.



francesa,¹ atuando na inteligência do Maquis² de Vercors, por conta da sua capacidade de ler mapas e, posteriormente, participou da luta contra os alemães pela libertação de Lyon em 1944.

Em 1948, após a conclusão da formação universitária em História e Geografia, Marc Ferro seguiu para Orã, cidade litorânea da Argélia, onde lecionou no *Lycée Lamoricière* até 1956 – experiência fundamental que marcou a formação do jovem historiador. O contato com os alunos permitiu ao professor identificar outra face da História, a visão não ocidental. A noção de “história plural”, portadora de diversas vozes, adveio da experiência na colônia francesa, onde foi confrontado com o fato de que os argelinos tinham um ponto de vista diferente dos europeus sobre a História. Em entrevista para a *Revista Santiago* (ERLIJ, 2017), Ferro lembrou episódio ilustrativo quando, em aula, foi surpreendido por um garotinho árabe que contestou sua explicação sobre a positividade do sedentarismo para os ocidentais em contrapartida ao nomadismo. Segundo o menino, os nômades eram mais astutos, pois enquanto os outros trabalhavam na terra, eles, em seus camelos, estavam a salvo de serem apanhados. O argumento revelou outro lado da História não contada nos livros, o de que para árabes e turcos o sedentarismo representava o contrário, ser escravo, e fez o atento professor perceber que estava ensinando História sem questioná-la. Muitas décadas depois, com a carreira consolidada, vale lembrar que Marc Ferro encerrou seu livro *A colonização explicada a todos*, publicado em 2016, com a seguinte constatação: “Quanto a nós, historiadores, precisamos reescrever a história, hoje e sempre, mas uma história com várias vozes, escrita coletivamente.” (FERRO, 2017, p. 180).³

Em seu retorno à França, Marc Ferro conciliou a atividade do magistério nos colégios *Montaigne* e *Rodin* em Paris (1956-1960) e o trabalho em sua tese de doutoramento dedicada à Revolução Russa e à Primeira Guerra Mundial, que seria concluída em 1976, sob a orientação de Pierre Renouvin. Nesse período, integrou a equipe editorial dos *Cahiers du monde russe et soviétique*, realizou estágio de investigação em arquivos da URSS e publicou os primeiros resultados de suas pesquisas

¹ A Segunda Guerra Mundial marcou a vida de vários historiadores aclamados nos anos 1970 como expoentes da Nova História: Jacques Le Goff, François Furet, Georges Duby, Pierre Chaunu, Philippe Ariès, René Rémond e Marc Ferro. Sobre o tema, ver ROLLEMBERG; VAINFAS, 2017.

² Maquis: termo adotado para designar os grupos de resistentes à ocupação alemã que atuavam em regiões pouco povoadas.

³ Neste texto, as obras de Marc Ferro são referenciadas pelas edições em português. No entanto, para identificar a temporalidade original das publicações, estão indicadas nas referências bibliográficas as respectivas primeiras edições em francês.

no renomado periódico *Annales*,⁴ do qual mais tarde se tornaria codiretor a convite de Fernand Braudel, seu mentor intelectual. Em 1969, foi nomeado diretor da *École Pratique des Hautes Études*, mesmo ano em que ingressou na *École Polytechnique*⁵.

Em 1965, o periódico *Annales* publicou um debate sobre o filme documentário para televisão, *La Grande Guerre 1914-1918*, realizado por Marc Ferro em parceria com Solange Peter, a convite de Pierre Renouvin. Com textos de Annie Kriegel, Alain Besançon e do próprio Ferro abriu-se o debate sobre a contribuição do filme não apenas para a educação mas também para problematização da história do conflito (FERRO; KRIEGEL; BESANÇON, 1965). Nessa contenda, algumas ideias que nortearam o pensamento de Ferro sobre a relação entre cinema e história ganharam luz, demonstrando que, para o historiador, as imagens em movimento já eram percebidas como documento histórico desde o início da sua pesquisa de doutorado. Percepção posteriormente teorizada no que ele chamaria de “contra-história”, ou seja, a ideia de que a imagem pode ensinar coisas que os textos escritos não dizem. Por outro lado, ao destacar a potencialidade da linguagem cinematográfica como forma de expressão de determinados eventos históricos, também apontou seus limites aos quais os historiadores deveriam estar atentos.

Em 1968, na seção “Debates e Combates” dos *Annales*, Marc Ferro publicou “Sociedade do século XX e história cinematográfica” (FERRO, 1968). Uma espécie de manifesto a favor do cinema como fonte inestimável de informações para o século XX – o século das massas –, resumizando as múltiplas formas de análise à disposição do historiador. Estava aberta uma vereda que Ferro transformaria em estrada de duas vias, sobretudo como integrante da terceira geração da *École des Annales*. O historiador foi um dos grandes responsáveis, a partir dos anos de 1970, por elevar o cinema à categoria de “novo objeto” da pesquisa histórica. Seu artigo, “O filme, uma contra-análise da sociedade?” (FERRO, 1973a), publicado nos *Annales* em 1973, e depois reproduzido no terceiro volume da coleção organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, *História: novos objetos* (LE GOFF; NORA, 1976) e no livro *Cinema e História* (FERRO, 1992), defende – através da análise de películas de ficção e não-ficção produzidas durante o nascimento da URSS – que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E como o filme sempre vai além de seu próprio

⁴ O periódico *Annales d'Histoire Économique et Sociale* foi fundado em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre. Em 1946, sob a direção de Fernand Braudel, o título foi alterado para *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*.

⁵ Marc Ferro também foi diretor do *Institut du monde soviétique et de l'Europe centrale et orientale* (1985-93), Administrador do *Institut National de l'Audiovisuel* (2003) e membro do *Conseil Supérieur des Archives Nationales* (2006).

conteúdo e da realidade representada, permite atingir uma zona da História até então ocultada, inapreensível, não visível, tornando-se essencial para a análise mais ampla daquela realidade histórica. Em síntese, para Marc Ferro, o cinema era uma porta secreta para entrar no presente – e no passado – de uma sociedade, a abertura para a “contra-história”.

Essa inquietação que o historiador chamaria de “contra-história” já estava presente em sua pesquisa de doutorado sobre a Revolução de 1917, que acabaria por questionar certos dogmas da historiografia revolucionária: “Eu queria especialmente compreender por que havíamos entendido mal os eventos na Rússia, de 1917 até hoje, e isso poderia ser um bom tema para tese [...]”, com o escopo de “[...] lançar luz sobre situações históricas que, até então, não tinham sido expostas de forma leal, mas sim partidária, ‘religiosamente’ partidária.” (GUYON; DELARUE, 2016, p. 10). Dois artigos exemplificam tais objetivos. Em 1973, publicou “1917: a revolução na aldeia” nos *Cahiers du monde russe et soviétique* (FERRO, 1973b). Utilizando como referência o exemplo dos camponeses da região central da Rússia (Samara, Rjazan), Ferro defende a tese de que a reforma agrária foi realizada antes de Outubro pelos camponeses. Como a revolução não trouxe progresso material imediato às aldeias, os camponeses se voltaram contra os moradores da cidade, pois atrás do cidadão, o camponês reconhecia e encontrava o Estado e seus agentes, burocratas e opressores – era, em suas palavras, guerra a do campo contra as cidades, das cidades contra o campo.

Três anos depois, novamente nos *Annales*, publicou um artigo seminal sobre “O nascimento do sistema burocrático na URSS” (FERRO, 1976a), no qual descreve as várias formas democráticas de organização operária – *soviets*, milícias, comitês de fábrica, comitês de bairro, a Guarda Vermelha – destacando que o surgimento e a expansão de um poder popular autônomo colocava em causa a autoridade das instituições tipo partido e sindicato, causando inevitável conflito. Nesse quadro, desenvolveu-se o fenômeno que o historiador chamou de controle burocrático, em dois níveis, a “burocratização pelo alto”, que visava a reforçar o controle do partido sobre os *soviets* e, através deste, sobre os comitês de fábricas e de bairros, e a “burocratização por baixo”, caracterizada pela profissionalização dos militantes transformados em representantes permanentes de suas organizações. Como resultado, o surgimento de um novo grupo social ligado ao aparelho burocrático estatal de onde provinha sua renda, fiel ao partido bolchevique, mas descolado de sua classe de origem. Em suma, o esvaziamento e desaparecimento das instituições autônomas de base, sustentáculo original de Outubro de 1917.

Aspecto interessante na trajetória da pesquisa de doutoramento de Marc Ferro foi a publicação em forma de livros dos resultados das investigações antes da finalização da tese. Em 1967, veio à luz o primeiro tomo de *A Revolução de 1917: a queda do czarismo e as origens de Outubro*, enquanto o segundo tomo de *A Revolução de 1917: Outubro, nascimento de uma sociedade* chegaria ao grande público em 1976 (FERRO, 1967; FERRO, 1976b).⁶ Já em *La Grande Guerre 1914-1918*, Ferro registrou, no prólogo à primeira edição de 1969, sua vocação para grandes temas e longas temporalidades: “Tinha começado a estudar a Grande Guerra; pelo caminho encontrei o fascismo, vi despontar as formas do totalitarismo e desagregar-se o sentimento patriótico. Muito antes de Versalhes, começaram a recortar-se as causas da Segunda Guerra Mundial, mesmo da guerra fria, antes de Brest-Litovsk. Será ousado acrescentar que, escrita há um ano, a primeira parte deste livro me ajudou a compreender e a viver a crise do nosso tempo?” (FERRO, 2002, p. 10).

Aos temas de pesquisa identificados nos primeiros artigos e livros, Marc Ferro adicionou sua preocupação com o fato colonial e a história da França, ambos na perspectiva da longa duração, da análise comparada e do legado do passado ao tempo presente.

Em *História das colonizações* (FERRO, 1996) o historiador apresenta uma obra abrangente em escala geográfica e temporal, apoiada na história comparada, que dá voz aos chamados “vencidos” e, portanto, permite o necessário distanciamento do eurocentrismo para analisar as experiências expansionistas da Europa ocidental, mas também das civilizações russa, árabe, turca e japonesa, cujo recorte temporal antecede o das grandes navegações, o século XIII – no caso da expansão árabe, o século VII. O amplo quadro das independências nacionais do pós-guerra é examinado como um movimento de resistência das populações autóctones desde a chegada do homem branco. Não sem propósito, Marc Ferro adverte que em geral esses processos de libertação foram denominados pelos europeus de “descolonização” e acabam por negar ao colonizado o reconhecimento do seu último gesto, a rebeldia, e o próprio lugar de sujeito diante de sua própria história.

Essas emancipações, no entanto, resultaram em uma “descolonização atropelada”, quando as antigas relações coloniais foram substituídas por novas formas de dependências pós-coloniais, passando da hegemonia europeia para a estadunidense. Para tanto, Ferro desenvolveu o conceito de “imperialismo multinacional” – portador de certa continuidade, em termos de domínio, com a expansão colonial dos séculos XVI-

⁶ No Brasil foi publicado apenas o tomo I: FERRO, 1974.

XVII e o imperialismo dos séculos seguintes, cujo marco divisório foi a Revolução Industrial – que se apresenta no mundo de hoje como um dos efeitos mais perversos da mundialização da economia e da globalização do poder político e da indústria cultural.

A relação entre racismo e imperialismo também é analisada pelo historiador francês com base na concepção de civilização por parte dos europeus. Apoiado na ciência, na técnica e na razão, o homem branco considerava-se no dever de educar as sociedades subjugadas no caminho inevitável do progresso, pois acreditava pertencer a uma civilização superior. Como lembra Ferro, se é certo que as teorias raciais já existiam antes da colonização, mas tinham pouca influência, foi o imperialismo que lhes deu substância e vida, propagando-as. Basta lembrar que a ideologia racista foi aplicada também na Europa, produzindo um totalitarismo que legitimou o poder de uma “raça superior” sobre outros europeus. Na visão arguta de Marc Ferro, a condenação da experiência nazista na Europa representa um testemunho das diferenças entre colonizadores e colonizados na concepção do europeu. Para tanto, destaca uma observação do poeta Aimé Césaire, em seu *Discurso sobre o colonialismo* de 1955: “O que o cristianismo burguês do século XX não perdoa em Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem branco [...] é ter aplicado à Europa procedimentos colonialistas que, até então, só se destinavam aos árabes, aos cules da Índia e aos negros da África.” (CÉSAIRE, 1955 apud FERRO, 2004, p. 10).

A citação que é recuperada em *O livro negro do colonialismo*, organizado por Ferro em 2003, antecedida por uma observação àqueles que leram as *Origens do totalitarismo* de “Hannah Arendt com um só olho e não se aperceberam de que ao nazismo e ao comunismo, ela havia associado o imperialismo colonial” (FERRO, 2004, p. 10). Seria o colonialismo uma forma de totalitarismo? Esta é a questão que norteia a obra, pensada mais uma vez na forma comparada, e que contou com a colaboração de diversos especialistas. A resposta, em síntese, aponta que sim, pois o colonialismo possuía uma ideologia própria, agentes de execução – colonos e metrópoles – e mantinha a maior parte da população subjugada por meio de argumentos racistas.

Em *História de França* (FERRO, 2013), publicado em 2001, Marc Ferro realizou outra empreitada de grande fôlego, à semelhança de Fernand Braudel nos três volumes de *A identidade da França* (BRAUDEL, 1989). No livro, o historiador se pergunta quando começou a história francesa e propõe narrativa que contempla duas histórias, a heroica e gloriosa, que considera os grandes eventos muitas vezes convertidos em mitos, compondo uma *história força* que participa decisivamente na grande identidade da nação; e a história anônima, formada pelos habitantes do país, pelo seu trabalho, pela vida cotidiana, pela história das mulheres, o que permite abordar precisamente a

formação dessa identidade. A proposta define, inclusive, a estrutura da obra em duas partes, que são confrontadas e entrelaçadas para iluminar o entendimento da França contemporânea, sob a perspectiva comparada com outros países europeus, em meio à globalização e à degradação da soberania dos Estados-nações, cujo movimento simultâneo de contraponto reside nas reivindicações regionalistas, colocando em causa as identidades e as essências desses Estados.

Marc Ferro também desenvolveu inúmeras atividades fora do universo acadêmico, revelando a mesma inquietação e originalidade características de suas obras. Dirigiu e produziu diversos filmes para cinema e televisão, dentre os quais se destacam *Trente ans d'histoire* (1964), *Lénine par Lénine* (1970), *Images de l'histoire*, *Une histoire de la médecine* (série de 8 filmes) (1980), participou do roteiro do filme *Pétain* (1993), baseado em sua biografia do Primeiro Ministro francês (FERRO, 1987). Seu projeto mais conhecido, porém, certamente foi o programa de televisão *Histoire Parallèle*, transmitido pelo canal franco-alemão *La Sept*. Apresentado pelo próprio historiador e com a participação de convidados, trazia os cinejornais veiculados nos dois países, 50 anos antes, com o objetivo de confrontar nas imagens as estratégias utilizadas por alemães e franceses para construir a guerra, tal como deveria ser vista e vivida por seus concidadãos. Sucesso de público, o longo programa ficou no ar entre 1989 e 2001. Na trilha da relação do cinema com a “contra-história”, um dos grandes temas estudados ao longo da trajetória intelectual de Ferro, *Histoire Parallèle* tornou-se um exercício público de compreensão e problematização histórica por meio das imagens, possibilitou a discussão das relações conflituosas entre memória e história, expôs as tensões inerentes à construção da história e a influência do poder contemporâneo sobre a mesma através das mídias – aspectos já analisados em seu livro *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação* (FERRO, 1983). Fiel à sua proposta de difusão do conhecimento histórico, Ferro também escreveu vários livros de divulgação, como *Questions sur la Seconde Guerre Mondiale* (1994); *Le XXe siècle raconté à mon petit-fils* (2007); *L'Histoire racontée en famille* (2008); *Le mur de Berlin et la chute du communisme expliqués à ma petite-fille* (2009); *La colonisation expliquée à tous* (2016) – os dois últimos publicados no Brasil (FERRO, 2011; FERRO, 2017).

Reconhecido dentro e fora da França, recebeu inúmeros prêmios, homenagens e convites para participação em eventos, cursos e palestras. É Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Moscou (1998), pela Universidade de Bordéus (2003) e pela Universidade de Santiago do Chile (2006), atuou como professor visitante nos Estados Unidos, Canadá, Rússia e Brasil, onde esteve em algumas ocasiões. Em 1996, foi à Salvador, Bahia, como convidado do Simpósio Internacional “A Guerra Civil Espanhola e

a relação Cinema-História”. O evento foi organizado pelo grupo Oficina Cinema-História da UFBA, que publicou o livro *Cinematógrafo: um olhar sobre a História* (NÓVOA; FRESSATO; FEIGELSON, 2009)⁷, uma coletânea de artigos de autores brasileiros e franceses que discutem o papel do cinema como fonte e objeto da pesquisa histórica a partir do legado do mestre pioneiro Marc Ferro. Em 2004, na inauguração do Departamento de Cinema da Unicamp, o historiador francês foi conferencista convidado para marcar com deferência a data especial. Impossível, ainda, não referenciar uma conferência sobre a relação entre cinema e história que o professor Marc Ferro proferiu em 27 de agosto de 1987, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Assis, com tradução simultânea da professora Maria Amália Tozini Reis.⁸

A vida e obra de Marc Ferro, resumida neste texto em largos traços e sem nenhuma pretensão de abarcar todos os seus aspectos, exemplificam características de um historiador, professor, pesquisador e divulgador da História que teve na inquietação, no pioneirismo, na criatividade, no rigor da pesquisa e na erudição os fios condutores da trajetória que o levou a ser reconhecido como um dos grandes historiadores do século XX e um dos grandes estudiosos dedicados ao século XX. Nesse sentido, nada mais ilustrativo do seu espírito inquieto e inovador do que o episódio ocorrido em 1986, quando Marc Ferro mandou instalar antenas parabólicas no telhado da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, para que ele e seus alunos pudessem acompanhar diretamente os acontecimentos que estavam mudando a União Soviética.⁹

Compreender o nosso tempo com auxílio da “contra-história”. Talvez essa frase resuma o que norteou a trajetória de Marc Ferro como historiador e também a fundamental contribuição de sua obra para a História.

Referências

BRAUDEL, Fernand. *A identidade da França*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989. 3 v. (1ª edição francesa de 1986)

ERLIJ, Evelyn. Entrevista a Marc Ferro: “El populismo es el triunfo de la identidad sobre la libertad”. *Revista Santiago*, Santiago do Chile, 09 fev. 2017. Disponível em: <https://revistasantiago.cl/pensamiento/entrevista-a-marc-ferro-el-populismo-es-el-triunfo-de-la-identidad-sobre-la-libertad/#>. Acesso em 17 maio 2021.

⁷ O livro é aberto com um texto de Marc Ferro, “A quem pertence as imagens?”, e encerrado com “Retrato de Marc Ferro”, escrito por Isabelle Veyrat-Masson.

⁸ A gravação da conferência encontra-se no acervo audiovisual do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP) da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – campus de Assis. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/#!/cedap>. Acesso em: 20 maio 2021.

⁹ Relato de Sheila Schvarzman. A lógica do domínio. *Folha de S. Paulo*, 2 de junho de 1996.

FERRO, Marc. *La Révolution de 1917*. La chute du tsarisme et les origines d'octobre. Paris: Flammarion, 1967. t. I

FERRO, Marc. Société du XXe siècle et histoire cinématographique. *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, Paris, ano 23, n. 3, p. 581-585, 1968.

FERRO, Marc. Le film, une contre-analyse de la société? *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, ano 28, n. 1, p. 109-124, 1973a.

FERRO, Marc. 1917: la révolution au village. *Cahiers du monde russe et soviétique*, Paris, v. 14, n. 1-2, p. 33-53, 1973b.

FERRO, Marc. *A revolução Russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERRO, Marc. La naissance du système bureaucratique en URSS. *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, Paris, ano 31, n. 2, p. 243-267, 1976a.

FERRO, Marc. *La Révolution de 1917*. Octobre, naissance d'une société. Paris: Flammarion, 1976b. t. II.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983. (1ª edição francesa de 1981).

FERRO, Marc. *Pétain*. Paris: Fayard, 1987.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (1ª edição francesa de 1977).

FERRO, Marc. *História das colonizações. Das conquistas às independências, séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (1ª edição francesa de 1994).

FERRO, Marc. *A Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 2002. (1ª edição francesa de 1969).

FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. (1ª edição francesa de 2003).

FERRO, Marc. *A reviravolta da História: a queda do muro de Berlim e o fim do comunismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FERRO, Marc. *História da França*. Lisboa: Edições 70, 2013. (1ª edição francesa de 2001).

FERRO, Marc. *A colonização explicada a todos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017. (1ª edição francesa de 2016).

FERRO, Marc; KRIEGLER, Annie; BESANÇON, Alain. L'expérience de la "Grande Guerre". *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, Paris, ano 20, n. 2, p. 327-336, 1965.

GUYON, Régis; DELARUE, Francis. Entretien avec Marc Ferro "La révolte des jeunes est souvent liée à l'humiliation des parents". *Diversité*, Paris, n. 184, p. 7-11, 2016.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976. v. 3. (1ª edição francesa de 1974).

NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (org.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a História*. Salvador: EdUFBA; São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Historiadores franceses na zona cinzenta: lembranças da guerra. *Revista de História*, São Paulo, n. 176, p. 1-36, 2017.